

## O Forte de S. João da Cadaveira

[Resumo]

Carlos Caetano  
Instituto de História da Arte  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

O *Forte de S. João da Cadaveira* está localizado na magnífica frente marítima de S. João do Estoril (actual União de Freguesias de Cascais e Estoril), no topo de uma pequena elevação, literalmente a dois passos de uma falésia cavada a pique sobre o oceano e também da pequena praia fronteira, tradicionalmente conhecida como Praia da Poça, outrora famosa pelas suas termas, os *Banhos da Poça*. Por isso, era tradicionalmente também conhecido como *Forte de S. João da Poça* e sobretudo como *Forte da Cadaveira*, designação que retirava do nome da ribeira que outrora desaguava na referida praia. Em documentação militar dos Anos de 1820 é identificado como *Forte de S. João dos Inocentes* e, por evidente lapso, é também identificado por vezes como *Forte de S. Teodósio*, designação que corresponde ao vizinho *Forte de S. Pedro*, localizado 200 metros a Oeste.



Fig.<sup>a</sup> 1: Praia da Poça, com os dois fortes assinalados: Fortes de S. Pedro (à esquerda) e de S. João da Cadaveira (à direita). Fonte: Google Earth (consulta a 17 de Abril de 2020); adaptado.

O Forte de S. João da Cadaveira fazia parte do vasto sistema defensivo que, logo depois de 1640, foi organizado para proteger a frente marítima do Reino e em particular a entrada marítima de Lisboa. Este sistema era dominado, no aro Guincho – Cascais – Belém – Lisboa, pelas Fortalezas verdadeiramente inexpugnáveis de S. Julião da Barra e de Cascais, esta última actualizada e ampliada nos anos imediatos à Restauração (1642-1648). Suplementarmente foi erguida, logo a partir de 1642, uma série de fortes ou fortins

de muito pequenas dimensões, verdadeiros satélites daquelas duas fortalezas, para a protecção das praias vizinhas, visando impedir o desembarque de armadas inimigas. Assim, o Forte de S. João da Cadaveira, em articulação com o vizinho Forte, em tudo idêntico, de S. Pedro (também integrado no Programa REVIVE), protegiam a Praia da Poça, submetida, em caso de tentativa de invasão, ao fogo cruzado entre eles.

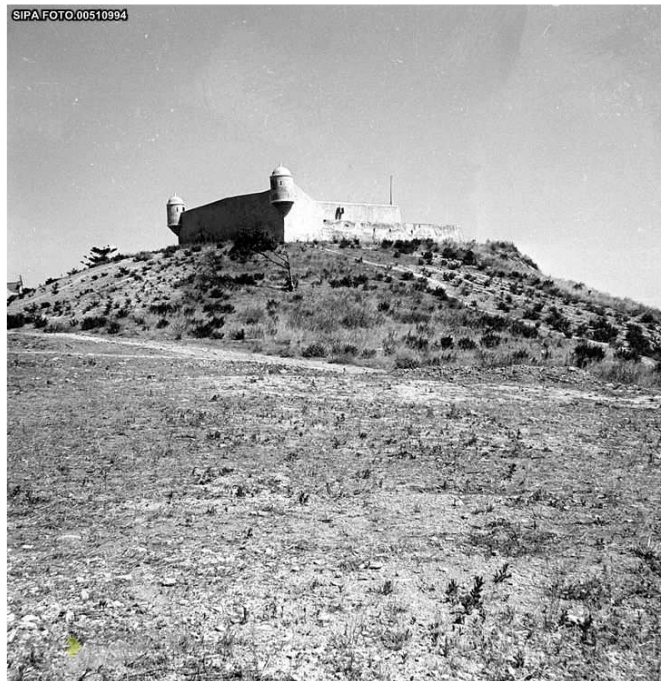


Fig. 2: Forte de S. João da Cadaveira; vista a partir da Praia da Poça, in *SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico* criado e gerido pela Direção-Geral do Património Cultural – DGPC: <https://mail.google.com/mail/u/0/?ogbl#inbox/FMfcgxwHNgWwcSKBrkStgwkTTwCvJgbh?projector=1&messagePartId=0.5> (consulta 29 de Maio de 2020).

Para lá das suas diminutas dimensões, todos esses fortes constituíam pequenas unidades militares, partilhando uma tipologia e até uma morfologia comuns. A tipologia destes pequenos fortes era muito simples e capta-se na fotografia aérea, na cartografia disponível e nos fortes sobreviventes. Contemplava duas componentes essenciais: um *aquartelamento* e uma “*bateria*” (plataforma) justaposta na sua parte posterior, voltada para a praia e o oceano. Os fortes dispunham de um único portal, na sua face anterior; composição regular e simétrica, organizada em torno de um eixo central; corpos arquitectónicos massivos e mesmo rasantes; poucas ou nenhuma aberturas; ausência de baluartes e de canhoneiras; guaritas em ângulos estratégicos, a sublinhar o seu carácter militar. Esta tipologia convocava, enfim, a existência de fortificações e de espaços fortificados no seu exterior, nomeadamente *atrincheiramentos* (que ligavam os fortes entre si) e *esplanadas fortificadas* à volta de cada forte.

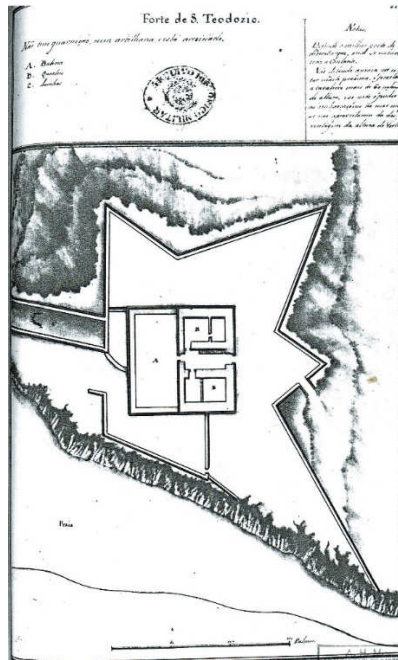


Fig.<sup>a</sup> 3: Forte de S. João da Cadaveira, in *Plantas dos Fortes, e Fortalezas da costa do Norte do Reino de Portugal. Acompanhada do Mappa de huma parte da dita Costa. Oferecida ao Il. Ex. S<sup>ñ</sup>R. Luis Pinto de Souza Menistro, e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra. Por Maximiano Joze da Serra Sarg.<sup>o</sup> Mor do Real Corpo dos Engenheiros. No Anno de 1796* (Original da Biblioteca Municipal do Porto, reprodução no Fundo Carlos Callixto in PT/AHM/FP/38/5/541 / doc. 80). Nota: este Forte surge erradamente identificado nesta planta como “Forte de S. Teodozio”, dando origem a uma confusão – que chegou até nós - na identificação do Forte de S. João, assim confundido com o Forte de S. Pedro, este sim, também conhecido como Forte de S. Teodósio desde o século XVII.

O Forte de S. João ilustra exemplarmente esta tipologia. É constituído por um corpo arquitectónico sensivelmente quadrangular, cuja única entrada fica no centro da sua fachada principal, voltada a Leste. Esta é proporcionada por um portal rematado por um arco de volta inteira, sobre o qual se aplicou a epígrafe fundadora onde se lê que a sua construção se iniciou em 5 de Abril de 1642 e se conclui no ano seguinte. Sobre a epígrafe está o brasão real (armas de D. João IV), que chegou até nós extremamente erodido.

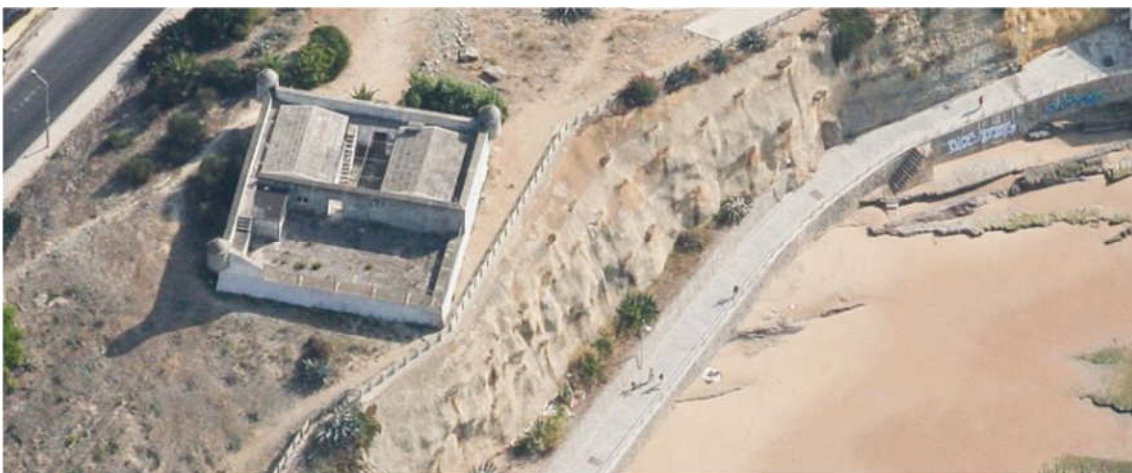


Fig.<sup>a</sup> 4: Forte de S. João da Cadaveira: no primeiro plano, a bateria (lado Oeste); no plano posterior (Lado Leste), o aquartelamento, composto por dois corpos paralelos, separados por um pátio intermédio. Fonte: Google Maps (consulta de 31 de Março de 2020); adaptado.



O interior do forte tem uma estrutura muito simples, relativamente simétrica em torno de um eixo Leste-Oeste que passa pelo centro do portal de entrada. Este dá acesso a um pequeno pátio central, no topo do qual se ergue um novo portal, de acesso à *bateria* das traseiras. Nos dois lados laterais do pátio dispõem-se os dois corpos do *aquartelamento*, ambos de estrutura semelhante, abobadados e de altura relativamente pequena.

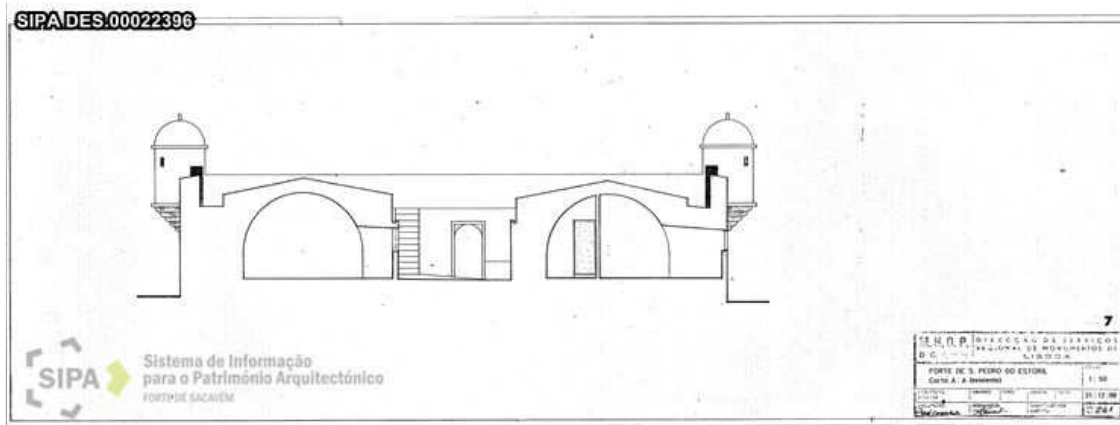


Fig. 5: Forte de S. João da Cadaveira – corte transversal. Notem-se o portal, o pátio central e os corpos laterais Norte (à esquerda) e Sul (à direita) e ainda a inserção da pequena escadaria para as coberturas, bem como o perfil dos corredores e parapeitos das mesmas, in *SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico)* criado e gerido pela Direção-Geral do Património Cultural – DGPC: <https://mail.google.com/mail/u/0/?ogbl#inbox/FMfcgxwHNgWwcSKBrkStgwktTwCvJgbh?projector=1&messagePartId=0.22>. O Forte está erradamente identificado como “Forte de S. Pedro do Estoril”.

A caserna é a maior divisão do complexo e ocupa todo o corpo à direita (lado Norte). Apresenta-se hoje como uma ampla nave mas outrora era provavelmente dividido por tabiques para criar espaços hierarquizados de modo a acomodar as tarimbas dos soldados e o leito do comandante. O espaço é dominado por uma imponentíssima abóbada que dá a esta caserna uma monumentalidade e um valor espacial próprios da melhor arquitectura militar.



Fig.ª 6: Caserna: vista na direcção de Oeste.

O corpo do lado Sul do complexo, igualmente abobadado, estava dividido de modo a abrigar as outras componentes do aquartelamento: *cozinha*, paiol e *casa “da palamenta”*, isto é, um pequeno depósito de armas de mão, projecteis e demais aprestos militares de apoio. As divisões, transversais, relativas a estas dependências foram realizadas em alvenaria e chegaram até nós.

Aposta ao corpo do lado Norte, uma escada muito estreita dá acesso às coberturas do complexo, que tinham importantes funções de defesa, pois eram utilizadas pelas guarnições em caso de ataque por terra. Com efeito, as coberturas são dominadas pelos extradorsos lajeados das duas abóbadas dos dois corpos do aquartelamento. À sua volta, um corredor praticável, protegido por parapeitos, proporcionava uma plataforma protegida para o exercício de tiro em caso de ataque ou de cerco.

A segunda componente principal do Forte de S. João, era a *bateria*, localizada na face posterior do aquartelamento, onde se dispunham as peças de artilharia, sempre em pequeno número e sempre dos calibres mais baixos, dada a pequenez do recinto. Voltada para a praia, trata-se de uma plataforma rectangular a céu aberto, lajeada e também limitada por parapeitos, abertos a Ocidente e a Sul. Estes eram desprovidos de canhoneiras (*bateria a barbete*), de modo a permitir ângulos de tiro de grande amplitude sobre as suas principais frentes de ataque, o Oceano e sobretudo a praia contígua.



Fig.<sup>a</sup> 7: Bateria, vista no sentido Sul-Norte; ao fundo a guarita Noroeste. Note-se uma pequena divisão informal, como que clandestina, de apoio. À direita, a porta para o aquartelamento e, no topo superior direito uma estrutura (duas pedras aparelhadas dispostas verticalmente com um buraco a meio) de função indeterminada.

Enquanto corpo do sistema defensivo da Baía de Cascais, o Forte de S. João era reforçado por linhas de defesa suplementares, implantadas no seu exterior. A primeira era um *atrincheiramento*, isto é, uma espécie de paredão fortificado que, correndo junto à costa, ligava este Forte ao vizinho Forte de S. Pedro, de modo a impedir a marcha de tropas inimigas desembarcadas na praia vizinha (estrutura parcialmente demolida em 1894). A segunda linha de defesa era definida pelos muros da *esplanada*, isto é, do perímetro fortificado que circundava o Forte, de desenho poligonal “estrelado” e simétrico, representado na planta de 1693, atrás referida (estrutura parcialmente demolida em 1940).

Dado o seu baixíssimo valor estratégico, o Forte de S. João da Cadaveira teria uma existência militar muito apagada ao longo da sua história. Tal como os demais pequenos fortes marítimos coetâneos, erguidos em torno de Cascais ao abrigo da mesma tipologia, só mereceria a atenção das autoridades militares em tempos de crise, nomeadamente nos momentos finais do Absolutismo, sobretudo nas convulsões políticas e militares suscitadas pela aclamação de D. Miguel enquanto Rei Absoluto (1828) e na fase final das Guerras Liberais (1831-1832). A última vez em que foi objecto de interesse para fins militares ocorreu no âmbito da crise político-militar que precedeu o golpe liderado pelo Marechal Saldanha em 1851, que levou à Regeneração, momento em que ainda se encarou o restauro do Forte, o que então não se viria a verificar.

Consequentemente, em 1896 encarava-se a sua alienação, que nunca se verificaria. Algumas décadas antes, porém, desocupado e em ruínas, renunciando a perda das suas funções militares, o Forte de S. João fora cedido (1843) à Misericórdia de Cascais, para servir de apoio às termas da Praia da Poça – funções que deteria até aos fins do século XIX. Poucos anos depois será afecto à *Empresa de Banhos da Poça*. O Forte seria restaurado finalmente para, em 1942 nele se instalar um posto da Guarda Fiscal, que aí se manteria até ao 25 de Abril de 1974.

Desprovido de quaisquer funções desde então, podemos dizer que o Forte de S. João da Cadaveira, se conservou em bom estado de conservação, graças às características e à qualidade da sua arquitectura. Estas circunstâncias contribuiram para que o Forte fosse classificado como *Imóvel de Interesse Público* pelo Decreto n.º 129, de 29 de Setembro de 1977, ficando, porém, devoluto e entregue à sua sorte a partir dessa data, o que prejudicou o seu estado de conservação. Hoje as abóbadas dos aquartelamentos acusam infiltrações e alguns rebocos interiores começam a ficar descascados. Porém, o Forte

chegou até nós intacto na sua morfologia, conservando as suas componentes originais, próprias de um pequeno forte de meados do Século XVII.

O Forte não escapou, porém, ao vandalismo induzido por marginais nos últimos anos, que se resumem ao roubo e à destruição do equipamento interior (portas e janelas incluídas). Para impedir a ocupação indevida do Forte e para prevenir novos actos de vandalismo no seu interior a Câmara de Cascais procedeu à montagem de uma barreira de metal sobre os parapeitos dos lados Oeste e Sul da bateria.

A forma de vandalismo mais visível é, porém, a que fez das paredes do Forte, exteriores e interiores, o suporte privilegiado de camadas e camadas de pichagens dispostas em camadas sobrepostas e intensivas de grafitis (*tags*), facilmente removíveis, pois não afectam em nada a estrutura nem a conservação do monumento. Diga-se, a propósito que o Forte de S. João da Cadaveira também foi vítima de vandalismo institucional. Assim, se os franceses não picaram (1807-1808) o brasão real de D. João IV da fachada principal de S. João da Cadaveira (como se tem escrito desde o século XIX), as autoridades republicanas foram muito mais agressivas, pois mandaram picar a coroa real do mesmo nos dias imediatos ao 5 de Outubro de 1910, pelo que, como se nota à vista desarmada, o brasão chegou até nós mutilado (tal como o da antiga casa da câmara de Cascais, aliás),



Fig.<sup>a</sup> 8: Fachada principal: epígrafe e armas de D. João IV, erodidas; coroa real mutilada depois do 5 de Outubro de 1910.

Pela sua arquitectura, pela sua antiguidade, pela sua história, mas também pela sua localização, o Forte de S. João da Cadaveira merece e é digno de um restauro competente e muito qualificado, que deve andar a par do arranjo paisagístico condigno da bela colina envolvente. Por outro lado, ligeiras prospecções arqueológicas restituirão o traçado integral do pequeno polígono defensivo circundante há muito demolido (ver atrás Fig.<sup>a</sup> 35), cuja reconstituição cuidadosa e muito informada pode e talvez deva ser encarada por uma equipa muito informada de arquitectos e historiadores, visando nomeadamente a sua incorporação no projecto institucional - finalmente em curso - de restauro e de re-utilização do Forte e da sua envolvente. Em suma, a sólida estrutura do Forte e a sua morfologia tão própria são susceptíveis e impõem uma intervenção muito inspirada, ponderada e delicada para a sua desejável adaptação a novas funções, visando a sua utilização condigna, tirando partido não só das suas excepcionais características construtivas como da beleza insuperável do sítio, um dos mais belos da costa portuguesa!

---